

Baixe
o APP

TUDO AQUI. TUDO FÁCIL!

Para vender, alugar
ou cadastrar seu imóvel.



f @valorimobiliaria



Vendas: (79) 9 9985-4222

Aluguéis: (79) 9 9850-5222

www.valorimobiliaria.com.br

TRE-SE

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL

Seis candidatos declararam
R\$ 11,1 milhões em receitas
e já contrataram mais de R\$
12 milhões em despesas

PRESTAÇÃO DE CONTAS

CAMPANHAS AO GOVERNO DE SERGIPE JÁ TÊM R\$ 12,7 MILHÕES EM DESPESAS CONTRATADAS

PÁGINA 26



“ COM A MUDANÇA PRA IGUÁ,
A MELHORIA FOI EXCELENTE! ”

Carlos Leite da Silva
PROPRIETÁRIO

☎ 19800 400 4482
IGUA.COM.BR/SERGIPE

IGUÁ
SERGIPE
CUIDADO QUE
CHEGA JUNTOS

ÍNDICE

TOQUE NOS TÍTULOS PARA INTERAGIR

OPINIÃO

EDITORIAL

6 O ELEITOR TAMBÉM PRECISA SEGUIR O DINHEIRO

INFORMANDO

10 CONTAS, CUSTOS E VOTOS NA URNAS

POLÍTICA

26 CORRIDA MILIONÁRIA PELO GOVERNO DE SERGIPE

COLONISTAS

BOLSA DE MULHER

32 HÁ DORES QUE NÃO FAZEM BARULHO. CUIDAR DA SAÚDE MENTAL É ENTENDER QUE TODA VIDA IMPORTA — EM SETEMBRO E DURANTE TODO O ANO

MULHERES & NEGÓCIOS

43 GESTÃO DESORGANIZADA: COMO OS PROBLEMAS DA GESTÃO CHEGAM AOS RESULTADOS DO NEGÓCIO

CANTINHO DA CRÔNICA

59 METADE DE UM SALÁRIO, UMA VIDA INTEIRA

CRÔNICAS DO BEM-VIVER

64 A DIGNIDADE DO SUFICIENTE

ACADEMIAS EM FOCO

70 ALAB CELEBRA CINCO ANOS E REAFIRMA FORÇA DA CULTURA EM AREIA BRANCA

FILOSOFIA & POLÍTICA

78 QUAL CAMINHO EDUCACIONAL A SEGUIR?



CONTATE SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE OU CLICANDO [AQUI](#) E FALE DIRETAMENTE CONOSCO
Elenaldo Santana [\(79\) 99949-9262](#)



EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE INSTALAÇÃO DO SANTA LÚCIA PARK RESIDENCE

A AC ENGENHARIA LTDA, vêm convocar um representante de cada unidade habitacional que compõem o **SANTA LÚCIA PARK RESIDENCE**, a participar da Assembleia Geral Ordinária de Instalação, que se realizará no dia 29 de setembro de 2026 (terça-feira), às 19h:00min em primeira chamada com a presença de 2/3 (dois terços) dos condôminos ou às 19h30min em segunda convocação com qualquer número de condôminos de forma VIRTUAL, através da plataforma **ZOOM**, por meio do link que será enviado individualmente, a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia:

- 1- Instalação do Condomínio, conforme lei nº 4.951/64 e o Código Civil Brasileiro, Lei nº 10.406/02;
- 2- Eleição do Síndico, Subsíndico e membros do Conselho Fiscal (03), Consultivo (03) e suplentes;
- 3- Aprovação da Convenção Condominial (em anexo para leitura prévia);
- 4- Deliberação da planilha orçamentária, aprovação da Taxa Condominial.

Observações importantes:

1º Será disponibilizado através dos e-mails cadastrados o passo a passo para participação da Assembleia Virtual no dia e horário citado.

2º Cumpre ressaltar a importância do comparecimento de todos, contribuindo nas deliberações que promovam o bom andamento do condomínio e considerando



que as decisões tomadas em Assembleia deverão ser cumpridas, mesmo pelos ausentes, ressalvando os assuntos que têm a exigência de quórum especial.

3º Lembramos aos senhores que, em caso de ausência ou impedimento, os proprietários poderão ser representados mediante procuração.

4º Os interessados em concorrer aos cargos de Sindico, Subsindico e membros do Conselho, deverão enviar e-mail para **lacel@lacel.cnt.br** até o dia **25/09/2026** às 17hrs, contendo a seguintes informações, nome completo, número do CPF, RG e número da unidade habitacional (bloco e apartamento).

5º Está sendo enviada Minuta da Convenção junto com este edital de convocação, pedimos que todos leiam e mandem suas sugestões para o e-mail: **lacel@lacel.cnt.br** o dia **25/09/2026** às 17hrs; Ressaltamos que a convenção está sendo enviada com antecedência porque no dia da referida Assembleia não faremos a leitura do documento, apenas faremos a discussão e levaremos para votação aquelas sugestões recebidas por e-mail.

6º Aproveitamos e informamos que a administradora contratada para realizar a implantação do condomínio foi a Lacel Condominial.

Aracaju/Se, 18 de setembro de 2026.

Atenciosamente

AC Engenharia



CLIQUE AQUI

Aluguel comercial

Cód. 15341



Bairro Salgado Filho



VALOR



Galeria Rezende



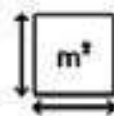
-



1 WC



1 vaga



23,95 m²

R\$ 2.500,00

Condomínio: R\$ 200,00



Entre em contato

(79) 92675-7308



EDITORIAL

cinformonline.com.br

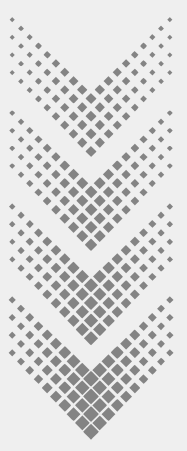
O ELEITOR TAMBÉM PRECISA SEGUIR O DINHEIRO

A campanha eleitoral entra na reta final, período em que cresce o volume das propagandas, das mobilizações de rua e das tentativas de conquistar os últimos indecisos. É também o momento em que o eleitor deve olhar além dos discursos, dos jingles e das imagens produzidas para as redes sociais. A prestação de contas revela uma parte importante da estrutura colocada em campo por cada candidatura e ajuda a compreender quais são as prioridades de uma campanha.



A transparência não pode ser tratada como simples obrigação burocrática.”

Os dados declarados à Justiça Eleitoral mostram diferenças expressivas entre os candidatos ao Governo de Sergipe.



Há campanhas com milhões de reais em receitas e despesas contratadas, enquanto outras trabalham com valores muito menores. Essa desigualdade financeira interfere na capacidade de produzir programas de rádio e televisão, imprimir materiais, contratar equipes, impulsionar conteúdos e organizar atos por todo o estado. Dinheiro não compra automaticamente a confiança do eleitor, mas amplia presença, alcance e repetição de mensagem.

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026

CINFOR
a line



Ao eleitor interessa saber não apenas o que cada candidato promete fazer com o orçamento público, mas como administra o próprio orçamento eleitoral.”

Por isso, a transparência não pode ser tratada como simples obrigação burocrática. Partidos e candidatos precisam explicar de onde vêm os recursos, quanto já foi comprometido, quais serviços concentram os maiores valores e o que ainda falta pagar. Cabe também à Justiça Eleitoral fiscalizar

a regularidade das informações e cobrar correções quando houver inconsistências. Ao eleitor interessa saber não apenas o que cada candidato promete fazer com o orçamento público, mas como administra o próprio orçamento eleitoral. Uma campanha organizada, transparente e responsável oferece sinais sobre prioridades, métodos e capacidade de planejamento. Na reta final, acompanhar propostas continua essencial. Acompanhar o dinheiro também.

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

CiNFORM
na linha

**CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL**

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR



CLIQUE AQUI

📍 Alphaville • Barra dos Coqueiros/SE



Residencial

Aluguel

Exclusivo Valor

#15639



Alphaville Sergipe



QUARTOS

3



VAGAS

2



ÁREA

230,00m²



SUITES

1

Aluguel

R\$ 7.000,00

Condomínio

R\$ 1.077,67



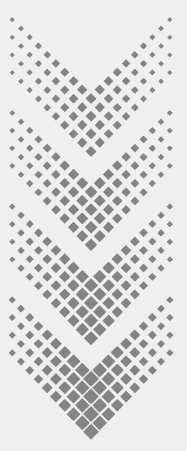
Entre em contato

(79) 92675-7308



CONTAS, CUSTOS E VOTOS NA URNAS

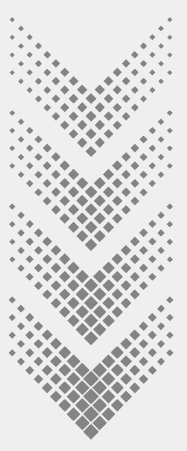
A campanha entrou na fase em que cada escolha pesa mais. Com poucos dias até a votação de 4 de outubro, já não há tempo para grandes reinvenções: quem lidera tenta proteger a vantagem, quem persegue precisa produzir um fato novo e quem está distante luta para não desaparecer do debate. Mas existe uma campanha que acontece longe dos palanques e revela muito sobre a força de cada candidatura: a campanha das planilhas. Até a consulta feita na sexta-feira, 18, os seis candidatos ao Governo de Sergipe haviam declarado, juntos, cerca de R\$ 11,18 milhões em receitas e R\$ 12,70 milhões em despesas contratadas. Fábio Mitidieri e Valmir de Francisquinho concentram quase todo esse movimento



financeiro, numa demonstração clara de que a polarização política também se repete na estrutura de campanha. Fábio aparece com a maior arrecadação; Valmir, com forte investimento em produção audiovisual; Ricardo Marques tenta sobreviver com uma estrutura bem mais enxuta; Emanuel Cacho, Dr. Helton e Taty Cristina disputam atenção com recursos modestos. Dinheiro, sozinho, não define eleição. Se definisse, planilha substituiria urna. Mas ele compra alcance, frequência, equipe, material e presença. Na reta final, a pergunta não é apenas quem tem mais. É quem consegue gastar melhor, transformar estrutura em mensagem e convencer o eleitor de que sabe administrar recursos, prioridades e expectativas.

CUSTOS I

O Cinform On Line desta semana mostra quanto os seis candidatos ao Governo de Sergipe já arrecadaram e contrataram em despesas. Juntas, as campanhas declararam aproximadamente R\$ 11,18 milhões em receitas e R\$ 12,70 milhões



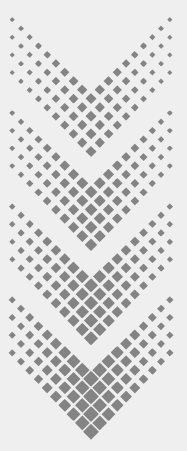
em compromissos financeiros. A maior parte dos recursos veio das direções nacionais e estaduais dos partidos, confirmando o peso do fundo eleitoral na estruturação da disputa.

CUSTOS II

Valmir de Francisquinho declarou R\$ 4,40 milhões em receitas e R\$ 5,83 milhões em despesas contratadas. Desse total, R\$ 2,27 milhões foram destinados à produção de programas de rádio, televisão e vídeo. A concentração no audiovisual revela uma estratégia baseada em exposição. A diferença entre o que entrou e o que foi comprometido também transforma a reta final numa corrida para fechar as contas.

ATRITOS E AVANÇOS

Durante entrevista à TV Sergipe, Fábio Mitidieri reconheceu que usou uma expressão inadequada durante os atritos com os professores. O governador ressaltou, porém, que o episódio não interrompeu o diálogo com a categoria. Segundo ele, novas



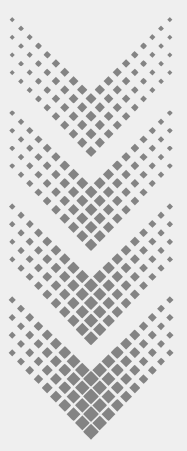
reuniões foram realizadas, pautas avançaram e o relacionamento institucional foi preservado. Na reta final, Fábio tenta separar um momento de tensão do conjunto das ações desenvolvidas na educação.

IGUÁ

O abastecimento de água também entrou na entrevista. Fábio reconheceu que o serviço ainda apresenta dificuldades em diversas localidades, embora tenha apontado avanços após a concessão da distribuição. O governador citou a entrega de adutoras, mas admitiu que parte da população ainda não percebeu melhora. Ao assumir publicamente o problema, renovou o compromisso de buscar soluções para o abastecimento e o saneamento.

VLT

Outro tema abordado foi o VLT anunciado pelo presidente Lula durante visita a Sergipe. O projeto deverá ligar São Cristóvão, Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e Laranjeiras, aproveitando



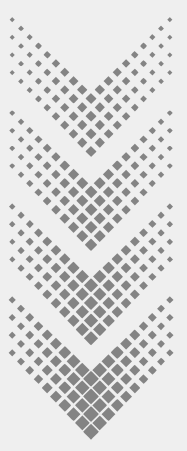
e recuperando parte da estrutura ferroviária existente. Segundo Fábio, serão aproximadamente R\$ 600 milhões em investimentos federais. Depois de concluído, o sistema deverá ser administrado pelo Governo do Estado.

SEM PERSEGUIÇÃO

Desde que começou a enfrentar problemas judiciais relacionados ao matadouro de Itabaiana, Valmir de Francisquinho sustentou que seria vítima de perseguição política. Na época, o governador era Belivaldo Chagas, atualmente seu aliado. Questionado pela TV Sergipe, Valmir adotou posição mais cautelosa e declarou que não poderia afirmar se houve alguém por trás dos processos. A mudança de tom não passou despercebida.

TARIFA DE ÔNIBUS

Valmir voltou a prometer recursos estaduais para reduzir a tarifa do transporte coletivo da Grande Aracaju. Segundo ele, um entendimento com a prefeita Emília Corrêa prevê aporte de



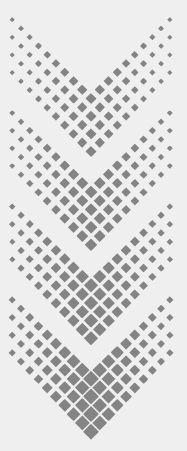
R\$ 6,3 milhões para deixar a passagem abaixo de R\$ 3. A proposta tem forte apelo popular, mas ainda carece de explicações sobre a origem dos recursos, o modelo do subsídio e sua sustentabilidade financeira.

DIREITO DE RESPOSTA

Valmir teve que publicar em suas redes sociais, por determinação da Justiça Eleitoral, um direito de resposta concedido a Fábio Mitidieri. A decisão ocorreu após vídeo que tentava relacionar o governador ao banqueiro Daniel Vercaro. Depois de cumprir a determinação, o candidato do Republicanos voltou a abordar o assunto. Na reta final, acusações sem comprovação podem produzir desgaste político e consequências judiciais.

HELTON TRANQUILO

Dr. Helton afirmou estar tranquilo com o indeferimento do registro da candidatura da Federação PSOL/Rede, relacionado à prestação de contas de um dos partidos. O candidato informou que



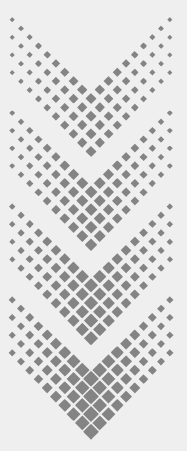
já apresentou recurso e pediu a nulidade do processo. Segundo ele, a defesa contesta os fundamentos utilizados pelo relator. Enquanto aguarda uma decisão definitiva, Helton mantém a agenda e procura evitar que a questão jurídica domine sua campanha.

OUTRAS PAUTAS

Na entrevista à TV Sergipe, Dr. Helton também apresentou algumas das propostas centrais de sua candidatura. Defendeu o fim das organizações sociais na saúde, a reestatização da Deso e a redução da jornada dos servidores estaduais sem diminuição salarial. O candidato voltou ainda a falar na implantação da tarifa zero no transporte público, proposta registrada em seu plano de governo.

EVITOU POLEMIZAR I

Ricardo Marques evitou aprofundar os atritos com a direção estadual do PL durante entrevista à TV Sergipe. O candidato afirmou que eventuais declarações dos dirigentes partidários



não alteram sua disposição de disputar o Governo. Ao fugir do confronto direto, Ricardo tentou manter o foco em sua candidatura. O desafio é impedir que as divergências internas continuem ocupando mais espaço do que suas propostas.

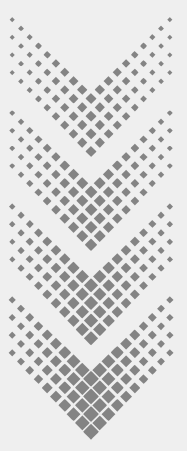
EVITOU POLEMIZAR II

Sobre a distribuição dos recursos do PL em Sergipe, Ricardo Marques ressaltou que não entrou na política em busca do fundo eleitoral.

Reconheceu que o financiamento partidário é importante, mas afirmou que a falta de uma estrutura maior não impedirá a continuidade do projeto. O discurso busca transformar uma limitação financeira em demonstração de independência, embora campanhas estaduais exijam presença, comunicação e capacidade de mobilização.

KATARINA E A SAÚDE I

Candidata à reeleição, a Delegada Katarina apresenta a destinação de



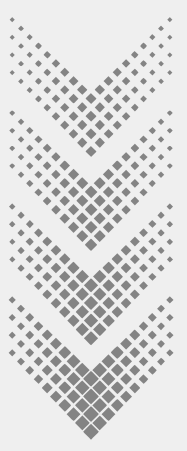
recursos para a saúde como uma das marcas do mandato. Segundo dados divulgados pela parlamentar, aproximadamente R\$ 160 milhões foram encaminhados ao setor. Hospitais filantrópicos, unidades municipais e instituições da capital e do interior aparecem entre os beneficiários, reforçando a saúde pública como um dos principais eixos de sua campanha.

KATARINA E A SAÚDE II

Os recursos destinados por Katarina alcançaram mais de 40 municípios sergipanos, incluindo Aracaju, Capela, Laranjeiras, Socorro, Cristinápolis, Muribeca, Estância, Nossa Senhora da Glória e Propriá. A deputada afirma que continuará priorizando o fortalecimento do SUS. Na campanha pela reeleição, utiliza a distribuição territorial das emendas para demonstrar presença tanto na capital quanto no interior.

PETRÓLEO E GÁS

Durante entrevista à Sim FM, em Carmópolis, Edvaldo Nogueira



destacou o novo ciclo de desenvolvimento relacionado ao petróleo e ao gás em Sergipe. O candidato ao Senado defendeu investimentos na formação profissional para que os empregos sejam ocupados pelos jovens sergipanos. Também ressaltou a necessidade de atrair indústrias capazes de utilizar o gás produzido no estado e ampliar a geração de oportunidades.

CARREIRA ÚNICA

Fábio Henrique apresentou uma proposta voltada aos servidores públicos estaduais: a criação de uma carreira única. Inspirada em um modelo existente em Minas Gerais, a medida pretende estabelecer possibilidades de crescimento profissional para quem se qualifica e apresenta bons resultados. O candidato sustenta que dedicação, formação e desempenho devem ser considerados na evolução funcional, valorizando o servidor sem ignorar as exigências da administração pública.

DEBATES

A campanha de Fábio Mitidieri trabalha para consolidar a percepção de liderança e manter viva a possibilidade de vitória no primeiro turno. A oposição tenta impedir que essa expectativa influencie o comportamento do eleitor. Nos próximos debates, frases ensaiadas terão menos importância do que segurança, clareza e domínio dos problemas estaduais. Quem fugir de um assunto difícil poderá entregar ao adversário o argumento que faltava.

SENADO

Com duas vagas em disputa, a eleição para o Senado permanece mais aberta e imprevisível do que a corrida pelo Governo. O eleitor pode escolher nomes de chapas diferentes, embaralhando as estratégias partidárias. É importante lembrar que serão dois votos para senador: se o mesmo número for repetido, o segundo voto será anulado. Em uma disputa equilibrada, desconhecer essa regra pode influenciar o resultado.

CAMPANHA NAS RUAS I

Coronel Ribeiro ampliou sua presença em Aracaju com adesivação e mais uma edição do “Desafio Sergipe Merece Essa Força”, realizada no Santos Dumont. A programação reuniu esporte, mobilização e contato com moradores. Ribeiro também esteve no conjunto Agamenon Magalhães, onde nasceu e cresceu. Ao retornar à comunidade, associou suas origens populares à trajetória iniciada na Polícia Militar em 1994.

CAMPANHA NAS RUAS II

Ribeiro também cumpriu compromissos em Riachão do Dantas e Tobias Barreto, participando de encontros e caminhadas. Paralelamente, apresenta propostas direcionadas aos profissionais da segurança, como auxílio-alimentação, mudanças nas regras de promoção, assistência psicológica, telemedicina e atendimento aos filhos neurodivergentes. O desafio da campanha é mostrar que sua experiência na segurança pode ser transformada numa agenda legislativa mais ampla.

PROPRIÁ

Em Propriá, Luciano de Menininha chega ao período decisivo como uma das principais referências do seu grupo político. O prefeito utiliza a organização administrativa, a manutenção dos serviços e a relação institucional com o Governo do Estado para apresentar seus apoios. A reta final mostrará se a avaliação da gestão e sua capacidade de articulação conseguirão produzir transferência de votos para os candidatos apoiados.

BARRA MOBILIZADA

Na Barra dos Coqueiros, Airtton Martins participa da campanha apoiado nas ações da administração municipal. Programas sociais e investimentos em saúde, segurança e infraestrutura aparecem como argumentos do seu grupo. Com presença territorial e capacidade de mobilização, o prefeito tenta transformar o desempenho atribuído à gestão em votos para seus aliados. A dimensão dessa influência será conhecida quando as urnas forem abertas.

TÁ NA HORA

Quanto mais próxima a votação, maior se torna a circulação de conteúdos fabricados para dificultar respostas e checagens. É uma estratégia conhecida, mas ainda capaz de provocar estragos. Candidatos, eleitores e Justiça Eleitoral precisam redobrar a atenção. Não existe coerência em condenar publicamente as notícias falsas e, ao mesmo tempo, estimular insinuações e ataques sem provas nos bastidores da campanha.

CRÍTICAS E SUGESTÕES

viana.jornalista@gmail.com

CIFORM *online* | comercial@cinformonline.com.br



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CIFORMONLINE.COM.BR

JORNAL CIFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026

CIFORM *online*



CLIQUE AQUI

Aluguel Comercial

Cód. 15649

 Bairro Grageru

 **VALOR**



Exclusivo

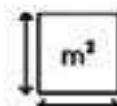
Ponto Comercial



2 WC's



3 vagas



300 m²

R\$ 20.000,00

Condomínio: -



Entre em contato

(79) 92675-7308

● ● ● >> WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

ANUNCIE AQUI! CINFORMONLINE

.....

SEGUNDA A SEXTA

**AGORA FICOU
MAIS FÁCIL
PUBLICAR
SEUS EDITAIS
E LICENÇAS
AMBIENTAIS**

CONTATO

CLIQUE AQUI



**CONTATE SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE OU
CLICANDO [AQUI](#) E FALE DIRETAMENTE CONOSCO**
Elenaldo Santana **(79) 99949-9262**

Email: comercial@cinformonline.com.br



2/6

Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais

Total de registros: 6

Filtros: Informe o nome completo ou o nome do candidato

DR. HELTON - JUIZ: HELTON SILVA MONTENEGRO - FEDERAÇÃO PSOL REDE(50-PSOL/78-BE) - Clique aqui	50
EMANUEL CACHO - EMANUEL MEDEIROS CEFIRIA CACHO - FEDERAÇÃO PSDB CIDADANIA(45-PSDB/23-CIDADANIA) - Clique aqui	45
FABIO - FABIO CRUZ MATEUS - SEMPRE CRESCE COM VOCÊ - Clique aqui	55
RICARDO MARQUES - JOSE RICARDO MARQUES DOS SANTOS - FE E CORAGEM PRA MUDAR - Clique aqui	22
TATY CRISTINA DE JESUS - TATIANA CRISTINA SANTOS DE JESUS - DC - Clique aqui	27
VALMIR DE FRANCOISQUIRÃO - VALMIR DOS SANTOS OLIVEIRA - MUDA SERGIPE COM A FORÇA DO POVO - Clique aqui	10

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

versão 2.8.25

RECEITAS X DESPESAS

A CORRIDA MILIONÁRIA

PELO GOVERNO DE SERGIPE

Campanhas dos seis candidatos já declaram R\$ 11,1 milhões em receitas e R\$ 12,7 milhões em despesas contratadas; líderes das pesquisas dominam os recursos da disputa.

Fábio Viana | Redação Cinform on line

A disputa pelo Governo de Sergipe apresenta uma grande diferença no volume de recursos movimentados pelas campanhas. Até o fechamento

desta edição do Cinform on line, os seis candidatos declararam R\$ 11.180.598,00 em receitas e R\$ 12.704.105,73 em despesas contratadas à Justiça Eleitoral.

Os dados, retirados do site 'Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais - DivulgaCandContas', mostram que as campanhas de Fábio Mitidieri (PSD) e Valmir de Francisquinho (Republicanos), os mais bem colocados nas pesquisas, concentram a maior parte dos recursos.

Juntos, os dois candidatos declararam R\$ 10.605.724,00 em receitas, o equivalente a aproximadamente 95% de tudo o que foi arrecadado pelos seis candidatos até agora. Somadas, as despesas contratadas pelas duas campanhas chegam a R\$ 12.194.196,23, praticamente todo o volume de despesas registrado pelos seis nomes que disputam o cargo de governador de Sergipe.

Fábio Mitidieri aparece com R\$ 6.201.449,40 em receitas, sendo a maior parte proveniente da Direção Nacional do

MONTAGEM FEITA POR IA



PSD. As despesas contratadas chegam a R\$ 6.358.775,96, principalmente com profissionais, comunicação e material gráfico de campanha.

Valmir de Francisquinho declarou R\$ 4.404.274,60 em receitas. Desse total, R\$ 2.342.000 vieram da Direção Nacional do Republicanos e R\$ 2.040.000 da Direção Estadual. As despesas contratadas somam R\$ 5.835.420,27, concentradas principalmente na produção de programas eleitorais, publicidade e material de campanha.

DEMAIS CAMPANHAS

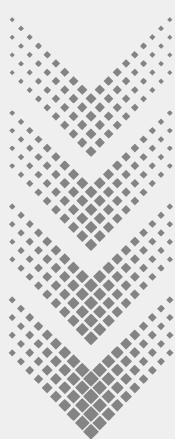
Na sequência aparece Ricardo Marques (PL), com R\$ 311.548,00 em receitas, sendo a maior parte proveniente

da Direção Estadual do partido. A campanha registra R\$ 300 mil em despesas contratadas, todo o valor destinado à produção de programas eleitorais para televisão e rádio.

Emanuel Cacho (PSDB) declarou R\$ 165 mil em receitas, integralmente provenientes da Direção Nacional do PSDB. As despesas contratadas somam R\$ 145 mil, principalmente com marketing, produção de conteúdos audiovisuais e locação de veículos.

Já Dr. Helton (PSOL) declarou R\$ 95.800,00 em receitas, dos quais R\$ 94 mil vieram da Direção Nacional do PSOL e o restante de pessoas físicas. As despesas contratadas chegam a R\$ 55.583,50, principalmente com material gráfico, produção de conteúdo para redes sociais e locação de veículos.

Com a menor arrecadação entre os seis candidatos, Taty Cristina (DC) declarou R\$ 2.526,00 em receitas, provenientes integralmente de pessoas



físicas. As despesas contratadas somam R\$ 9.326,00, principalmente com produção de conteúdo e marketing.

LIMITE DE GASTOS

O limite legal de gastos para cada candidatura ao Governo de Sergipe no primeiro turno é de R\$ 6.226.082,16. O valor consta nas regras estabelecidas pelo Tribunal Superior Eleitoral para as Eleições 2026.

Os valores apresentados são os registrados até o momento e devem sofrer alterações à medida que as campanhas atualizam suas prestações de contas. Vale ressaltar ainda que despesa contratada não significa necessariamente despesa já paga. O valor corresponde ao compromisso financeiro registrado pela campanha, podendo haver pagamentos posteriores.



 CLIQUE AQUI

Aluguel Residencial

Cód. 15648

 Bairro Mosqueiro

 **VALOR**



Exclusivo

Lago Paranoá



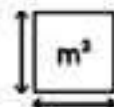
5 Quartos



5 Suítes



6 vagas



775 m²

R\$ 30.000,00

Condomínio: R\$ 1.160,07



Entre em contato

(79) 92675-7308



SETEMBRO AMARELO

SAÚDE MENTAL TAMBÉM É **VIDA**

Falar, acolher e apoiar
podem salvar vidas.
Pequenas atitudes
fazem uma grande
diferença.

*Você
importa!*

**HÁ DORES QUE NÃO FAZEM BARULHO.
CUIDAR DA SAÚDE MENTAL É ENTENDER
QUE TODA VIDA IMPORTA — EM
SETEMBRO E DURANTE TODO O ANO**

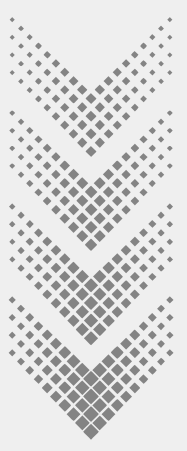
Setembro ganhou a cor amarela para colocar luz sobre um assunto que durante muito tempo foi escondido pelo medo, pelo preconceito e pelo

FOTOS DIVULGAÇÃO

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026

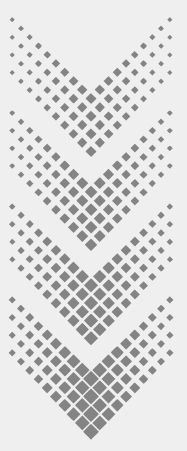
CiNFORM *online*





silêncio: a saúde mental e a prevenção do suicídio. Mas talvez o maior desafio seja compreender que o Setembro Amarelo não pode existir apenas em setembro. Não basta vestir amarelo durante um mês, publicar uma frase bonita ou compartilhar uma campanha e, no restante do ano, continuar tratando sofrimento emocional como fraqueza, exagero, falta de fé ou falta de vontade. Precisamos olhar verdadeiramente para as pessoas, porque por trás de um sorriso pode existir uma batalha que ninguém vê. Por trás de uma fotografia bonita, de uma rotina aparentemente normal, de alguém que trabalha, estuda, cuida da família e responde “está tudo bem”, pode existir uma realidade completamente diferente.

Os números mundiais mostram a dimensão do problema, mas estatísticas, sozinhas, jamais conseguirão traduzir o tamanho de uma ausência. Quando uma vida é perdida, não estamos falando apenas de números. Estamos falando de famílias, mães, pais, filhos, amigos, colegas de trabalho e comunidades que ficam com



uma cadeira vazia e perguntas que muitas vezes jamais encontrarão respostas. É justamente por isso que precisamos retirar esse debate apenas das campanhas e levá-lo para dentro das nossas casas, escolas, universidades, empresas, igrejas e comunidades. Saúde mental precisa fazer parte das discussões cotidianas, porque o sofrimento não escolhe profissão, idade, classe social ou endereço.

Um dos grandes equívocos é acreditar que sempre conseguiremos identificar facilmente quem está sofrendo. Nem sempre. Há pessoas que continuam sorrindo, trabalhando, produzindo e cuidando de todo mundo enquanto enfrentam silenciosamente suas próprias batalhas. Há quem tenha sido considerado forte durante a vida inteira e, justamente por isso, encontre enorme dificuldade para admitir: “Eu não estou conseguindo”. Vivemos em uma sociedade que celebra desempenho. Precisamos produzir, entregar, crescer, vencer, aparecer, responder rapidamente, demonstrar felicidade e seguir em frente.

Nas redes sociais acompanhamos uma sequência interminável de conquistas, viagens, relacionamentos felizes, corpos perfeitos, famílias aparentemente perfeitas e carreiras em ascensão.

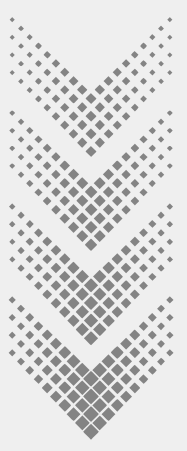
Mas ninguém vive permanentemente dentro de um feed.

Do outro lado da tela existem seres humanos. E seres humanos enfrentam frustrações, separações, dificuldades financeiras, solidão, violência, luto, desemprego, conflitos familiares e tantas outras situações capazes de produzir sofrimento. Também precisamos rever a forma como reagimos quando alguém demonstra fragilidade. Frases como “tem gente passando por coisa pior”, “você tem tudo”, “isso é falta do que fazer” ou simplesmente “seja forte” podem transformar uma tentativa de



aproximação em mais isolamento. Acolher não significa assumir o lugar de psicólogos, psiquiatras ou demais profissionais da saúde. Significa reconhecer que aquela dor existe e, quando necessário, ajudar a pessoa a encontrar atendimento adequado. Procurar ajuda não deveria ser motivo de vergonha. Saúde mental também é saúde.

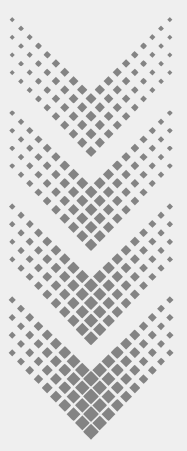
Precisamos olhar com atenção especial para nossos jovens. Estamos realmente compreendendo essa geração ou apenas cobrando resultados? Falamos sobre notas, faculdade, emprego, profissão e futuro, enquanto muitas vezes desconhecemos as pressões que fazem parte da rotina deles. Os jovens de hoje convivem com uma realidade que nenhuma geração anterior experimentou da mesma maneira. A comparação não termina quando saem da escola ou chegam em casa: ela continua dentro do celular. Curtidas, comentários, padrões estéticos, necessidade de aceitação, exposição, cyberbullying e discursos violentos podem atravessar a vida



de crianças, adolescentes e jovens. A tecnologia oferece oportunidades extraordinárias, conecta pessoas e democratiza conhecimento, mas também exige educação, limites e responsabilidade. Educação digital e saúde mental precisam caminhar juntas.

Existe ainda uma contradição do nosso tempo: nunca tivemos tantas ferramentas de comunicação e, ainda assim, tantas pessoas experimentam profunda solidão. Temos milhares de seguidores, dezenas de grupos e centenas de contatos, mas quantidade de conexões digitais não significa necessariamente vínculos humanos. Nenhuma curtida substitui completamente a presença de alguém em um momento difícil. Talvez uma das grandes necessidades do nosso tempo seja recuperar relações mais humanas em meio à velocidade da vida digital.

A prevenção precisa ser compreendida como responsabilidade coletiva. Não pode ficar exclusivamente nas mãos das famílias ou dos profissionais de

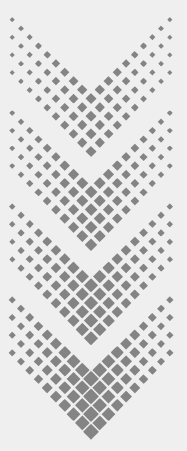


saúde. Escolas, universidades, empresas, organizações sociais, governos, comunidades e meios de comunicação possuem papéis importantes. E nós, jornalistas e comunicadores, carregamos uma responsabilidade ainda maior. Falar sobre saúde mental e prevenção exige cuidado. Dor humana não pode ser transformada em espetáculo, audiência ou conteúdo sensacionalista. Comunicação responsável pode orientar, combater preconceitos e apresentar caminhos para atendimento. Uma reportagem pode fazer alguém reconhecer que precisa procurar ajuda. Informação correta também é uma ferramenta de prevenção.

Nem todo pedido de ajuda será explícito. Algumas pessoas demonstram sofrimento por meio de mudanças de comportamento, isolamento, manifestações recorrentes de desesperança ou alterações importantes na rotina. Isso não significa que familiares, amigos ou colegas devam fazer diagnósticos. Significa apenas que não devemos naturalizar mudanças importantes. Em determinados momentos,



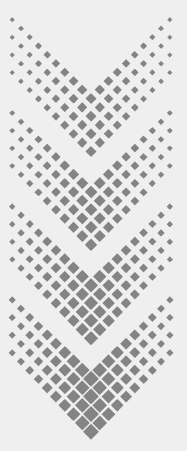
a atitude responsável é incentivar a procura por acompanhamento especializado. Diante de uma situação de risco imediato, os serviços de urgência devem ser acionados. No Brasil, o Sistema Único de Saúde oferece atendimento por meio da rede de saúde mental, incluindo Unidades Básicas de Saúde e Centros de Atenção Psicossocial, os CAPS. Em situações de urgência, também existem UPA, pronto-socorro e SAMU, pelo número 192. O Centro de Valorização da Vida, o CVV, oferece apoio emocional gratuito pelo telefone 188, 24 horas por dia. Quando setembro terminar, muitas fachadas deixarão de estar iluminadas de amarelo. As campanhas diminuirão, as redes sociais mudarão de assunto e outras pautas



ocuparão as manchetes. Mas a saúde mental não conhece calendário e a dor não espera setembro. Por isso, talvez a mensagem mais importante deste mês seja justamente aquela que precisamos carregar para outubro, novembro, dezembro e todos os outros meses: precisamos prestar mais atenção uns aos outros e também a nós mesmos.

Àquela pessoa aparentemente forte, que sempre resolve os problemas de todo mundo. Ao jovem que mudou repentinamente. À pessoa idosa que começou a se isolar. Ao colega de trabalho cujo comportamento mudou. A quem atravessa um luto, uma separação, dificuldades financeiras ou qualquer situação capaz de abalar profundamente sua vida. Pequenos sinais não devem servir para julgamentos ou diagnósticos improvisados, mas podem indicar que é hora de se aproximar e, quando necessário, buscar orientação profissional.

Também precisamos prestar atenção em nós mesmos. Ninguém precisa



esperar chegar ao limite para procurar ajuda. Não precisamos justificar nossa dor comparando-a com a dor de ninguém. Talvez nossa sociedade tenha aprendido demais sobre como demonstrar força e muito pouco sobre como lidar com vulnerabilidades.

Precisamos construir uma cultura na qual reconhecer limites não seja sinônimo de fracasso e cuidar da saúde emocional seja tão natural quanto cuidar do corpo.

Essa mudança envolve todos nós: famílias, escolas, empresas, igrejas, governos, imprensa, redes sociais e comunidades. Setembro Amarelo precisa representar mais do que uma campanha anual. Precisa provocar uma transformação na maneira como enxergamos saúde mental. Uma sociedade mais preparada para reconhecer sofrimento, combater preconceitos, promover prevenção e garantir acesso ao cuidado.

No final, talvez cuidar seja também não permitir que a pressa da nossa própria vida nos torne indiferentes

ao que acontece ao nosso redor. Existem dores que não aparecem nas fotografias. Existem pessoas que continuam trabalhando, sorrindo e cumprindo compromissos enquanto enfrentam batalhas que poucos conhecem. E existem caminhos de tratamento, apoio e cuidado que precisam ser conhecidos e acessíveis.

Que o amarelo de setembro não seja apenas a cor de um mês. Que permaneça como um lembrete para os outros onze meses do ano. Campanhas terminam, calendários viram e hashtags deixam os assuntos mais comentados, mas a responsabilidade com a vida permanece.

Porque saúde mental não é assunto de setembro. É assunto de todos nós, todos os dias.

LÍCIA MELO

Jornalista e empreendedora social e cultural
Idealizadora do Bolsa de Mulher News



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

Esp. em Gestão e Desenvolvimento
de Pessoas e Gestora da ETR
Treinamento e Desenvolvimento

► Email
www.etrtrainingtoedesenvolvimento.com



GESTÃO DESORGANIZADA: COMO OS PROBLEMAS DA GESTÃO CHEGAM AOS RESULTADOS DO NEGÓCIO

Há semanas em que a empresa parece não parar. As tarefas se acumulam, os prazos se apertam e, mesmo com todo mundo ocupado, algumas coisas simplesmente não avançam como deveriam. Uma informação passada de forma incompleta obriga alguém a refazer um relatório. Um pedido chega errado e precisa ser corrigido às pressas. Um cliente liga cobrando uma resposta que ainda depende de uma decisão que não foi tomada. No meio disso, surge uma pergunta difícil de ignorar: por que a equipe trabalha tanto e os resultados não acompanham o esforço?

Quando situações como essas começam a fazer parte da rotina, é natural tratar cada episódio como um problema isolado. Um erro pontual, uma falha de comunicação específica, um cliente mais exigente, uma equipe momentaneamente sobrecarregada. Essa leitura até pode fazer sentido quando olhamos para cada acontecimento separadamente. O problema é que, quando os mesmos padrões começam a se repetir, eles deixam de parecer circunstanciais e passam a apontar para algo maior.

O que costuma escapar a essa leitura é a possibilidade de que episódios aparentemente desconectados tenham uma mesma origem na forma como o negócio é administrado. Não significa que toda dificuldade seja causada pela gestão, nem que exista uma explicação única para problemas diferentes. Significa apenas que, quando retrabalho, atrasos, urgências, decisões represadas e conflitos começam a se acumular, vale observar se existe uma questão de gestão por trás desse conjunto.

É justamente esse o olhar desta semana. Se anteriormente discutimos como a forma de organizar e conduzir o trabalho pode influenciar o ambiente em que as pessoas atuam, agora o movimento é outro: entender quando os problemas da própria gestão começam a aparecer no funcionamento e nos resultados do negócio.

QUANDO A DESORGANIZAÇÃO COMEÇA A APARECER NO TRABALHO E NO RESULTADO

A gestão desorganizada raramente se apresenta como um problema de gestão. Ela costuma aparecer disfarçada de prazo perdido, cliente insatisfeito, venda que não avançou, tarefa refeita ou equipe que parece estar sempre correndo atrás do que ficou para trás. Diante desses sinais, o empresário tende a procurar uma solução imediata para aquilo que está vendo: contratar alguém para dar conta do volume, cobrar mais agilidade, comprar uma nova ferramenta ou assumir pessoalmente as decisões mais importantes.

Essas medidas podem até produzir algum alívio, especialmente quando existe uma necessidade pontual. Mas, quando o problema se repete, a solução provisória começa a consumir cada vez mais energia sem eliminar aquilo que está na origem da dificuldade. A empresa aumenta o esforço, mas não necessariamente melhora sua capacidade de entregar.

Em muitos pequenos negócios, isso acontece porque parte importante da gestão ainda depende de conhecimentos e decisões que não foram estruturados. Sabe-se quem costuma resolver determinado problema, quem deve ser consultado ou como uma situação normalmente é conduzida, mas essas referências permanecem concentradas na experiência do proprietário ou de algumas pessoas-chave. Enquanto a operação é pequena e relativamente simples, esse funcionamento pode parecer suficiente. Conforme o negócio cresce, porém, aumenta também a quantidade de pessoas, decisões e

interdependências envolvidas, e aquilo que antes era resolvido pela proximidade passa a exigir mais clareza.

É nesse momento que começam a surgir as idas e vindas. Uma tarefa que deveria seguir um fluxo claro volta para correção. Uma decisão que poderia ser tomada rapidamente fica aguardando uma validação. Um cliente recebe informações diferentes dependendo de quem o atende. Uma pessoa assume uma tarefa que outra já estava realizando. Uma atividade importante é interrompida porque outra demanda passou a ser tratada como urgente.

Nenhuma dessas situações precisa representar, isoladamente, uma grande falha. O problema está no que acontece quando elas passam a se repetir e a consumir tempo que deveria estar sendo utilizado para produzir, atender, vender, planejar ou desenvolver o negócio.

É por isso que gestão não é apenas uma questão interna. A maneira como a

empresa organiza seu trabalho interfere em quanto tempo é necessário para entregar, em quanta energia é gasta para corrigir problemas e em quanto esforço precisa ser mobilizado para chegar ao mesmo resultado.

O efeito também alcança as pessoas. Uma operação desorganizada pode aumentar a pressão, favorecer conflitos e tornar mais difícil manter clareza sobre prioridades e responsabilidades. Ao mesmo tempo, quando a equipe está constantemente compensando falhas de organização, a empresa pode interpretar o resultado desse desgaste apenas como falta de produtividade ou comprometimento.

Essa discussão mostrou que a forma como o trabalho é organizado e conduzido também influencia o ambiente em que as pessoas atuam. Agora, o passo seguinte é perceber que os problemas dessa mesma gestão podem ultrapassar o ambiente e chegar diretamente ao funcionamento do negócio.

COMO PROBLEMAS APARENTEMENTE PEQUENOS SE ACUMULAM

Um dos aspectos mais difíceis de perceber na gestão desorganizada é que ela raramente começa com uma crise. O mais comum é que apareça em pequenas perdas que, individualmente, parecem administráveis. Um erro que precisa ser corrigido, uma decisão que demora um pouco mais, uma informação que precisa ser recuperada, uma atividade interrompida por uma urgência ou um conflito que consome parte do tempo da liderança.

O problema é que essas perdas não necessariamente desaparecem depois de resolvidas. Se a causa continua presente, elas voltam a acontecer e começam a formar um padrão. O tempo que a equipe perde com retrabalho reduz sua capacidade de lidar com novas demandas. A dependência excessiva do proprietário torna algumas decisões mais lentas. Informações que não circulam bem entre as pessoas podem gerar novos erros. Conflitos

que são apenas contornados tendem a reaparecer em outras situações.

Assim, uma dificuldade pode alimentar a seguinte. A falta de clareza aumenta o retrabalho; o retrabalho aumenta a pressão; a pressão dificulta a comunicação; a comunicação ruim amplia a chance de novos erros. Aos poucos, o negócio passa a gastar recursos não apenas para produzir, mas também para compensar aquilo que sua própria organização não conseguiu sustentar.

Esse efeito pode chegar a áreas que, à primeira vista, parecem distantes da gestão. Uma falha de comunicação interna pode comprometer a experiência do cliente. Uma decisão que fica represada pode atrasar uma entrega. Uma equipe que precisa constantemente reorganizar o próprio trabalho pode perder capacidade de manter qualidade. Uma liderança que centraliza todas as exceções pode se tornar um ponto de estrangulamento para o crescimento.

Isso não acontece da mesma maneira em todas as empresas. O impacto de uma determinada falha depende do setor, do porte, da estrutura, da cultura e do momento do negócio. Por isso, não faz sentido transformar essa cadeia em uma fórmula automática. O que faz sentido é observar os sinais e investigar como eles se relacionam dentro da realidade daquela empresa.

Essa leitura também ajuda a compreender por que alguns problemas continuam sendo interpretados de maneira equivocada. Quando a produtividade cai, por exemplo, a explicação mais imediata pode ser que as pessoas precisam trabalhar mais ou se organizar melhor. Mas, antes disso, vale perguntar quanto do tempo disponível está sendo consumido por tarefas refeitas, decisões que demoram, informações incompletas ou prioridades que mudam sem critério.

Quando a empresa precisa de esforço excessivo para manter o funcionamento

cotidiano, talvez seja hora de olhar não apenas para o esforço das pessoas, mas para a estrutura de gestão que está exigindo esse esforço.

É nesse contexto que a relação entre gestão e resultado começa a ficar mais evidente. Uma empresa não perde dinheiro apenas quando vende menos. Ela também pode perder quando utiliza mal seu tempo, quando refaz tarefas, quando demora para decidir, quando compromete a qualidade ou quando cresce sem construir uma estrutura capaz de sustentar aquilo que conquistou.

A discussão sobre riscos psicossociais e a NR-1 também pode ser compreendida dentro de um contexto mais amplo. A forma como o trabalho é organizado merece atenção não apenas porque pode afetar produtividade e qualidade, mas também porque determinadas características dessa organização podem contribuir para riscos relacionados ao trabalho. Isso não significa transformar toda dificuldade

de gestão em risco psicossocial, mas reforça a importância de analisar o contexto em que o trabalho acontece.

Ainda assim, o centro desta reflexão permanece no negócio. Antes de pensar em qualquer intervenção, a empresa precisa compreender onde sua gestão está gerando perdas e quais dessas perdas realmente merecem prioridade.

POR QUE TENTAR CORRIGIR TUDO AO MESMO TEMPO TAMBÉM PODE SER UM PROBLEMA

Quando percebe que vários problemas estão conectados, o empresário pode sentir que precisa agir em todas as frentes ao mesmo tempo. Rever processos, redefinir funções, implantar uma ferramenta, reorganizar a equipe, melhorar a comunicação, criar reuniões e ainda acompanhar de perto a operação para garantir que nada pare. A intenção é compreensível, mas, especialmente em pequenos negócios, essa tentativa de resolver tudo de uma vez pode criar uma nova camada de complexidade.

Uma empresa pequena não dispõe, em geral, de equipes especializadas para conduzir várias mudanças simultaneamente. O próprio empresário costuma acumular decisões estratégicas e operacionais, enquanto a equipe precisa continuar entregando aquilo que mantém o negócio funcionando. Por isso, organizar a gestão não deveria significar acrescentar uma sequência interminável de procedimentos, controles e reuniões.

Também não significa copiar modelos desenvolvidos para organizações muito maiores. Uma pequena empresa precisa de uma estrutura compatível com sua realidade. Pode ser simples e, ao mesmo tempo, organizada. O que muda não é a necessidade de gestão, mas a escala e a forma como ela é construída.

PRIORIZAR TAMBÉM É UMA COMPETÊNCIA DE GESTÃO.

Quando a empresa consegue identificar o que mais compromete seu funcionamento, torna-se possível concentrar energia onde a mudança pode produzir mais resultado. Isso

não significa ignorar os demais problemas. Significa evitar que a tentativa de corrigir tudo ao mesmo tempo impeça a empresa de transformar qualquer coisa de maneira consistente. É também por isso que novas ferramentas, processos ou treinamentos só fazem sentido quando respondem a uma necessidade real do negócio. Uma solução pode ser tecnicamente boa e ainda assim ser inadequada para o momento da empresa se acrescentar complexidade sem resolver o problema que motivou sua adoção.

A organização da gestão passa, então, menos pela quantidade de controles e mais pela qualidade das decisões. O empresário precisa saber onde o negócio perde tempo, onde a equipe encontra obstáculos, quais decisões estão concentradas, quais processos geram retrabalho e que mudanças são viáveis naquele momento. Esse olhar permite transformar uma percepção genérica, “minha empresa está desorganizada”, em questões concretas que podem ser analisadas e trabalhadas.

QUANDO ORGANIZAR A GESTÃO PASSA A SER UMA DECISÃO DE NEGÓCIO

Em algum momento, o acúmulo dessas pequenas perdas deixa de ser apenas um incômodo da rotina e começa a aparecer claramente nos resultados. O retrabalho consome uma parte relevante do tempo da equipe. Uma decisão importante demora porque não está claro quem pode tomá-la. A qualidade da entrega varia de acordo com quem executa. O proprietário passa boa parte do dia resolvendo problemas que deveriam estar sendo absorvidos pela própria operação. Nesse ponto, organizar a gestão deixa de ser apenas uma melhoria desejável. Passa a ser uma decisão de negócio.

Isso exige reconhecer que esforço adicional não substitui estrutura. Trabalhar mais horas pode aliviar uma demanda específica, mas não resolve um processo que gera retrabalho. Cobrar mais velocidade não elimina uma responsabilidade que continua indefinida. Uma nova ferramenta pode organizar

informações, mas não corrige uma decisão que ninguém sabe quem deve tomar. O que sustenta o crescimento é a capacidade de fazer o negócio funcionar de maneira cada vez mais coerente com o momento que ele está vivendo.

Para uma pequena empresa, isso pode significar sair gradualmente de uma lógica em que tudo depende do improviso e da memória das pessoas para uma gestão em que existem mais clareza, organização e capacidade de decisão. Não é transformar a empresa em uma grande corporação. É construir estrutura suficiente para que o negócio consiga crescer sem ampliar, na mesma proporção, o retrabalho, a confusão e a dependência de poucas pessoas. Essa mudança também envolve o desenvolvimento de quem conduz a empresa. Afinal, gestão não é feita apenas de processos. Ela depende da capacidade de analisar, decidir, priorizar, comunicar, acompanhar e ajustar o que não está funcionando como deveria.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

 CLIQUE AQUI

 Centro • Barra dos Coqueiros/SE



Residencial

Aluguel

Exclusivo Valor

#15641



Terras Alphaville 2



QUARTOS

3



VAGAS

2



ÁREA

150,80m²



SUITES

1

Aluguel

R\$ 8.000,00

Condomínio

R\$ 462,06



Entre em contato

(79) 92675-7308

Cantinho da *Crônica*

Educadora
Cris Souza



METADE DE UM SALÁRIO, UMA VIDA INTEIRA

Encontrei a fotografia e fiquei algum tempo olhando para aquela mulher sentada atrás de uma mesa.

Era eu.

Os cabelos compridos, o rosto sério, uma caneta na mão. Atrás de mim, algumas pastas, papéis, livros e uma estante que guardava muito menos coisas do que a vida ainda colocaria diante de mim.

Eu já havia feito o concurso do Estado, em 1993, e esperava ser chamada. Esperar, porém, nunca significou ficar parada. Naquele tempo, trabalhava em uma escola particular no bairro Santo Antônio. Era coordenadora pedagógica,

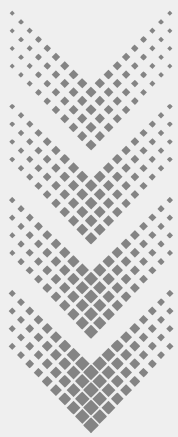


JORNAL CINFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026

CINFORM
a live

embora o cargo coubesse muito pouco em tudo o que eu fazia. Eu abria a escola. Eu fechava a escola. Coordenava professores, atendia pais, organizava o cotidiano e cuidava também da parte financeira. Se alguma coisa precisava ser resolvida, de algum modo acabava chegando até mim. Por tudo isso, recebia metade de um salário-mínimo.

Hoje escrevo essa frase e ela parece ainda menor do que era. Mas há coisas que o tempo modifica quando as olhamos de longe. Não torna justa a injustiça, não aumenta o salário que foi pequeno, não diminui o trabalho que foi grande. Apenas nos permite perceber o que nasceu



dentro de nós enquanto atravessávamos determinados tempos. E eu aprendi muito ali. Aprendi, inclusive, uma espécie de matemática que não constava em livro algum. As mensalidades atrasavam. Os salários também precisavam esperar. Às vezes, eram pagos aos poucos. Então acontecia uma cena que hoje me faz sorrir.

Quando um pai entrava na escola para pagar a mensalidade, parecia que todos desenvolvíamos uma atenção especial. O dinheiro mal havia chegado e já existia a esperança de que pudesse se transformar em um pedacinho do pagamento de alguém.

Era quase uma divisão silenciosa. Um pouco para um. Um pouco para outro. E todos compreendiam. Não havia romantismo na dificuldade. Havia necessidade. Mas havia também uma convivência que me ensinou muito sobre gente. Aprendi a conversar com o pai que não podia pagar naquele mês. Aprendi a lidar com o professor que precisava receber. Aprendi que por trás de uma

mensalidade atrasada havia uma família e que por trás de um salário atrasado havia outra. Talvez tenha começado ali uma parte importante da educadora que me tornei. Na época, eu não sabia.

A mulher daquela fotografia não sabia que seria chamada para assumir na rede estadual. Não sabia que depois viriam outros concursos, entre eles os de Barra dos Coqueiros e Aracaju, e que escolheria seguir na rede municipal de Aracaju.

Ela não sabia dos muitos alunos que ainda encontraria. Não sabia dos projetos que criaria. Não sabia dos livros que escreveria. Não sabia das salas que atravessaria, das pessoas que conheceria, das dificuldades que venceria nem das tantas vezes em que precisaria se reconstruir. Ela simplesmente trabalhava. E fazia o melhor que podia.

Talvez seja isso que mais me comova quando olho para a fotografia. Nós nunca sabemos, enquanto estamos vivendo um começo, que ele é um começo.

Às vezes pensamos que estamos apenas tentando pagar as contas, cumprir um horário, resolver o problema daquele dia, sobreviver a um salário pequeno. E, silenciosamente, estamos nos formando. Hoje posso olhar para aquela jovem sentada atrás da mesa com a ternura que somente o tempo permite.

Não tenho pena dela. Tenho respeito. Porque, enquanto ela esperava ser chamada por um concurso, a vida já a estava chamando para alguma coisa muito maior. Ela ainda não sabia.

Eu sei. E talvez seja esse um dos privilégios de envelhecer: poder voltar a uma fotografia antiga e finalmente contar àquela mulher como a história continuou.

© **Cris Souza.**

Todos os direitos reservados.





CRÔNICAS DO BEM-VIVER

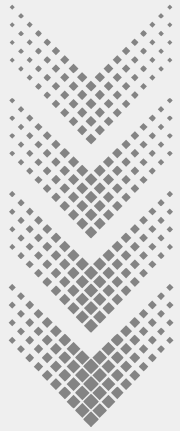
JOSÉ ADERVAL ARAGÃO

Médico e professor titular da UFS

A DIGNIDADE DO SUFICIENTE

Passa-se muito tempo educando o olhar para a exceção. Quase tudo ao redor ensina que a vida verdadeira mora no grande acontecimento, na conquista rara, no instante brilhante que interrompe a monotonia e justifica a espera. Como se o sentido estivesse sempre adiante, escondido em algum ponto futuro, dependente de circunstâncias ideais, de triunfos visíveis, de uma espécie de clarão reservado para poucos momentos. Nessa busca, o cotidiano vai sendo rebaixado à condição de intervalo, e não de existência. O dia comum parece pequeno demais para conter beleza, como se a paz silenciosa não tivesse valor diante do espetáculo do extraordinário.

Mas talvez um dos maiores enganos humanos seja justamente este: pensar

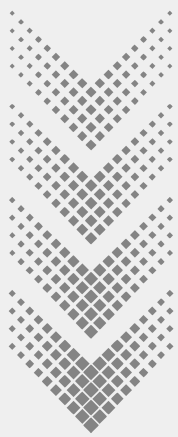


JORNAL CINFORMONLINE
ED. 1007 | ANO 4 | 21.9.2026

CiNFORM
a vida



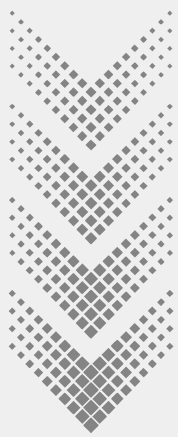
que a plenitude precisa fazer barulho. Há uma sedução no incomum, sem dúvida, porque ele fere a superfície dos hábitos e promete renovação. No entanto, a vida,



em sua forma mais profunda, não se sustenta de relâmpagos. Ela se constrói na repetição serena de tudo aquilo que, por estar sempre presente, quase nunca recebe reverência. O que mantém uma existência de pé raramente aparece como grandioso. É simples, quase discreto, e, por isso mesmo, tão facilmente ignorado. O corpo que desperta e responde.

O silêncio sem ameaça. A água que corre. A luz que entra. O alimento que nutre. O abrigo que protege. A presença que consola. Nada disso costuma ser celebrado com a intensidade que merece, embora seja exatamente isso que torna qualquer celebração possível.

Talvez a gratidão mais difícil não seja aquela que nasce diante de uma dádiva inesperada, mas a que amadurece diante do que se repete todos os dias. A surpresa arranca admiração instantânea; já a rotina exige consciência. É preciso um tipo mais refinado de lucidez para enxergar o valor daquilo que não se anuncia. O costume embota a percepção.



Aquilo que ontem parecia milagre, hoje já parece obrigação. E assim o espírito, habituado, deixa de ver. Não porque tenha perdido a capacidade de sentir, mas porque passou a confundir frequência com insignificância. No entanto, o que é frequente não é pequeno; muitas vezes, é essencial. O ar não emociona por ser abundante, mas basta a sua falta para que toda a hierarquia de importâncias desabe.

Existe uma sabedoria silenciosa em reconhecer que o bem mais sólido não costuma se apresentar como excesso, mas como o suficiente. Há uma dignidade profunda no que basta. Um dia sem sobressaltos. Um corpo sem sofrimento.

Uma palavra afetuosa. Um repouso merecido. Uma mesa simples, mas capaz de reunir. A serenidade de fechar os olhos sem medo. Tudo isso pertence a uma ordem de riqueza que não se mede pelo brilho, e sim pelo amparo. Talvez a felicidade, quando amadurece, deixe de ser entendida

como euforia e passe a ser reconhecida como concórdia. Não um auge, mas um acordo íntimo entre o ser e o instante.

A cultura da falta, porém, estimula sempre outra lógica: a de que viver é desejar mais. Mais reconhecimento, mais intensidade, mais novidade, mais provas de que a existência valeu. Só que o desejo sem pausa corrói a experiência do presente, porque transforma cada instante em insuficiência. A alma se torna incapaz de repousar no que há, pois foi treinada para venerar o que falta. E então se instaura uma pobreza paradoxal: mesmo cercado de condições que antes pareceriam bênçãos, o sujeito se sente em dívida com um ideal inalcançável. Não percebe que parte do sofrimento nasce menos da ausência real e mais da incapacidade de honrar a presença.

Reconhecer o valor do básico não é resignação, nem recusa dos sonhos. Não se trata de renunciar ao horizonte, mas de não desprezar o chão. Há uma diferença decisiva entre aspirar e

desdenhar. Pode-se desejar o futuro sem insultar o presente. Pode-se caminhar em direção ao que falta sem negar o que já sustenta. A maturidade talvez comece quando se compreende que a vida não é feita apenas do que se conquista, mas também do que se conserva. E conservar, nesse caso, não é prender; é perceber.

Perceber que, antes de qualquer grande resposta, já existe uma dádiva anterior: estar aqui, consciente, respirando, amparado pelas pequenas fidelidades do mundo. No fundo, viver bem talvez seja isto: reconciliar-se com o aparentemente comum e descobrir, tarde ou cedo, que o essencial quase sempre chega vestido de simplicidade.

José Aderval Aragão - Sergipano, graduado em medicina pela Universidade Federal de Sergipe, com Especialização em Cirurgia Vascular, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo, Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. É membro das Academias Sergipana de Medicina, Educação, Letras, bem como das Academias Independente de Letras de Pernambuco e Intercontinental de Escritores. É escritor, poeta, coautor de várias antologias e autor de diversos livros e artigos científicos.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

ACADEMIAS EM FOCO



Educadora
Cris Souza

Escritora, poeta,
jornalista e pedagoga



ALAB CELEBRA CINCO ANOS E REAFIRMA FORÇA DA CULTURA EM AREIA BRANCA

Sessão solene reuniu academias coirmãs, celebrou nova posse, homenageou personalidades e destacou o protagonismo de crianças e jovens na continuidade da vida cultural do município

Por **Cris Souza** | Academias em Foco | Jornal Cinform

AREIA BRANCA (SE) — Cinco anos podem parecer pouco diante da longa história de uma cidade. Para uma instituição cultural, porém, são suficientes para criar raízes, reunir pessoas, formar novas gerações e começar a deixar marcas na memória coletiva. Foi com esse sentimento que a Academia de Letras



Areia-Branquense (ALAB) celebrou, no sábado, 19 de setembro, seus cinco anos de fundação. A Sessão Solene de Aniversário transformou-se não apenas em uma comemoração institucional, mas em um encontro entre memória, pertencimento e futuro.

Sob a presidência da Prof.^a Dra. Edilma Rainha, a solenidade reuniu acadêmicos, artistas, educadores, jovens, familiares, convidados e representantes de diferentes instituições culturais sergipanas, evidenciando a articulação construída pela ALAB para além das fronteiras de Areia Branca.

A Mesa de Honra contou com Domingos Pascoal de Melo, da Academia Sergipana de Letras; Eunice Guimarães, da Academia Japoatanense de Letras e

Artes; Salete Nascimento, da Academia Estanciana de Letras; Hélio de Souza Oliveira, da Academia Dorense de Letras; Prof.^a Carla Cristina, da Academia San Cristovense de Educação; Mariza Marques, da Academia Feminina de Letras e Artes de Sergipe; Lucas Fontes Lima, da ALAB; e Marcos Vinícius Santana, da Academia dos Saberes de Aracaju e da Sustentabilidade (ASAS).

A presença das academias coirmãs deu à celebração uma dimensão especial: a de uma instituição que, ao completar seu primeiro quinquênio, fortalece vínculos e amplia sua presença no movimento cultural sergipano. Entre os momentos de maior simbolismo da noite esteve a posse da artista Cristini Oliveira Santos na Cadeira nº 40. Em seu ingresso na ALAB, Cristini homenageou sua patrona, a educadora e cordelista Alaíde Souza Costa, falecida em 2025. A homenagem estabeleceu uma das imagens mais significativas da solenidade: uma nova integrante ocupando uma cadeira acadêmica enquanto a memória de

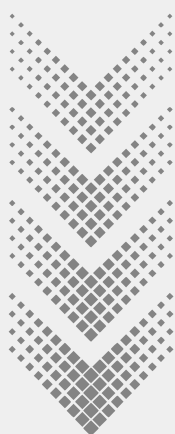
uma mulher dedicada à educação e à literatura de cordel permanecia viva por meio da palavra.

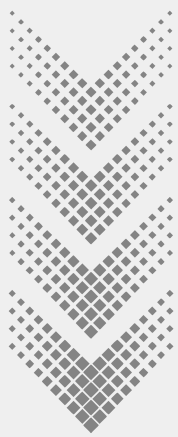
Cristini, que desenvolve atividades no GAITA e coordena o Movimento Estudantil de Literatura, Cultura e Artes (MELCA), recebeu a vestidura acadêmica acompanhada pelos pais e pela irmã. Era uma posse, mas também uma passagem de testemunho entre gerações.

E foi justamente a presença das novas gerações que deu à comemoração um significado ainda maior.

A programação incluiu a diplomação de novos integrantes do MELCA, entre eles Rayane Daniely Santos Passos e David Luiz Santos Nascimento, ligado à capoeira. A juventude não apareceu apenas como convidada. Teve voz e protagonismo.

Rayane Daniely interpretou o Hino de Sergipe, enquanto Isys Lorrany participou do encerramento com a execução do Hino Municipal de Areia Branca.





Em uma época em que tantas instituições discutem como aproximar crianças e jovens da literatura e das manifestações culturais, a experiência apresentada pela ALAB aponta para uma resposta concreta: é preciso permitir que eles ocupem os espaços onde a cultura acontece.

A solenidade também reservou espaço para homenagens. A secretária municipal de Educação, Gilmara Bispo de Oliveira, recebeu a Moção de Mérito Literário Poeta José Vicente, em reconhecimento ao incentivo à literatura no município. A confreira Josineide Oliveira também recebeu sua honraria durante a programação.

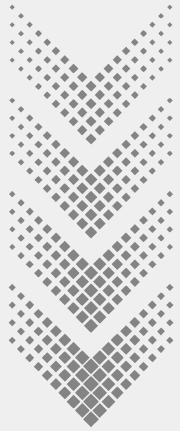
Os gestos reforçaram uma concepção presente ao longo de toda a cerimônia: nenhuma instituição cultural se constrói isoladamente. Sua permanência depende de redes, parcerias, memória e participação comunitária. Em seu pronunciamento, Edilma Rainha defendeu a cultura como

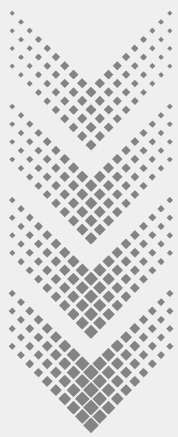
elemento estruturante da sociedade e destacou uma conquista importante desse percurso: o reconhecimento da ALAB pelo Ministério da Cultura com o Selo de Ponto de Cultura.

A presidente lembrou ainda a existência de dois Pontos de Cultura no município, a própria Academia e o núcleo GAITA, destacando o papel dessas iniciativas na preservação e renovação da identidade cultural local.

Também ganhou espaço a história da identidade visual da instituição. A logomarca da ALAB, concebida pelo confrade Paixão Artes, reúne referências às diferentes manifestações culturais de Areia Branca, passando pela literatura, teatro, artesanato, artes plásticas e manifestações populares.

Mais que elementos gráficos, os símbolos traduzem a ideia que sustenta a instituição desde sua criação: cultura não é apenas aquilo que se preserva. É também aquilo que se transmite.





Nesse processo, o GAITA e o MELCA assumem papel estratégico ao aproximar crianças e jovens das artes e da literatura, permitindo que o patrimônio cultural não permaneça apenas como lembrança das gerações anteriores, mas continue sendo recriado pelas novas.

Após os pronunciamentos e o encerramento oficial conduzido pela presidente, acadêmicos, autoridades e convidados participaram de uma confraternização, com o tradicional canto de parabéns e o corte do bolo comemorativo. A confreira Vannya Vicente encerrou a programação artística interpretando canções para o público presente.

E talvez tenha sido justamente essa mistura de solenidade e afeto que melhor traduziu o aniversário.

Porque uma academia de letras não existe somente em atas, cadeiras, diplomas ou cerimônias. Ela existe quando consegue transformar a palavra

em encontro; quando preserva os que vieram antes e abre espaço para quem está chegando; quando faz da literatura uma experiência compartilhada com a comunidade.

Aos cinco anos, a Academia de Letras Areia-Branquense chega a uma etapa simbólica de sua trajetória. Celebra o que construiu, homenageia quem ajudou a construir e, sobretudo, demonstra disposição para continuar escrevendo sua história.

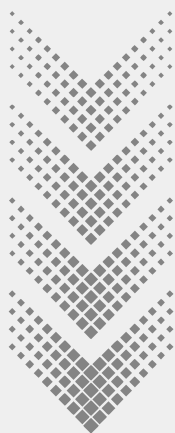
Se os primeiros cinco anos escreveram as páginas iniciais dessa trajetória, Areia Branca ainda tem muitas páginas para preencher. E a ALAB já escolheu permanecer entre aqueles que ajudam a escrevê-las.

Cris Souza – Educadora

Instagram @educadoracris

Email cristinasouza35@hotmail.com



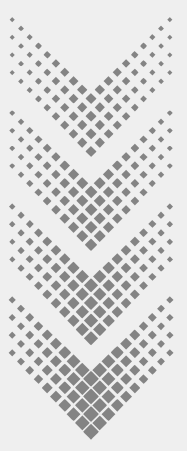


CHRISTIAN LINDBERG
PROFESSOR DA UFS

QUAL CAMINHO EDUCACIONAL A SEGUIR?

Após pouco mais de um ano sem contribuir com a coluna Caleidoscópio, volto com energia renovada e cérebro oxigenado para continuar contribuindo com o debate público.

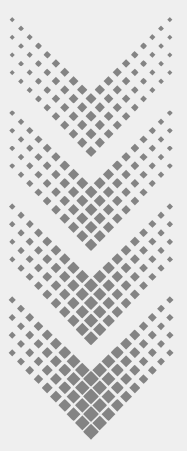
Afastei-me para realizar mais um estágio de pós-doutoramento. Como se sabe, o exercício da docência, independentemente do nível educacional que trabalha, requer constante atualização profissional e aprimoramento dos conhecimentos obtidos durante a formação inicial. Faço esta breve digressão para anunciar aquele que tem sido meu tema principal ao longo dos anos que colaboro com a coluna: a educação.



Recentemente, foi divulgado o resultado de algumas das principais avaliações em larga escala que temos no Brasil. Estou falando do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, do inglês Programme for International Student Assessment). Ouvi ou li diversas avaliações feitas por especialistas e pseudo-especialistas em educação, onde cada um elaborou uma narrativa para justificar o desempenho dos estudantes brasileiros.

Contudo, não ouvi ou li algo que me parece óbvio: análises que compreendem o resultado de uma avaliação como consequência de um ciclo, o término de um processo, o fim de uma etapa.

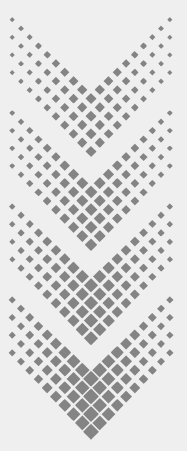
Falo isso porque é comum ouvir ou ler julgamentos onde a avaliação, principalmente as de larga escala, como centro gravitacional do processo educacional. Então, te convido a pensar comigo.



A universalização da educação básica brasileira não foi completada. Ainda temos crianças e jovens com idade escolar fora dela. Persiste, embora estamos diante de um cenário de queda, o problema do analfabetismo. É diminuto, se compararmos nosso país com nações economicamente desenvolvidas como a nossa, o percentual de jovens e adultos com nível superior completo.

O magistério, especialmente o da educação básica, é mal remunerado, possui plano de carreira pouco atrativo, tem condições de trabalho desfavoráveis e, nos últimos 10-15 anos, sofre uma campanha de linchamento público e atos de violência (moral, física etc.), que são orquestradas nos porões da barbárie pelo que há de pior, em termo de retidão moral, na sociedade brasileira.

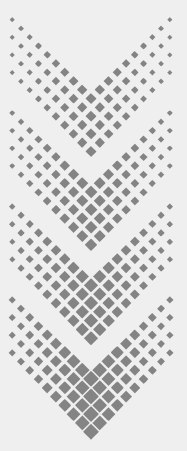
Por outro lado, é notório que há avanços importantes no setor educacional, principalmente se consideramos que a Constituição Federal, apelidada de Constituição Cidadã, é ponto fundacional



do direito à educação em nosso país. Toda criança, com idade entre 7 e 14 anos, está matriculada em uma escola. É notório o crescimento das matrículas em escolas com tempo integral. Nunca antes na história desse país, tivemos um percentual tão elevado de jovens e adultos cursando ensino superior ou um curso técnico-profissional. O Brasil possui um número crescente de jovens cursando pós-graduação (mestrado e doutorado). Enfim, são indicativos de que algo está sendo feito.

Em resumo, houveram avanços significativos no campo educacional nos últimos 30 anos, mesmo que tenhamos vivenciado momentos obscuros, com ministros da educação que acatavam professores diariamente ou que condicionavam o envio de recursos públicos para as escolas em troca de barras de ouro.

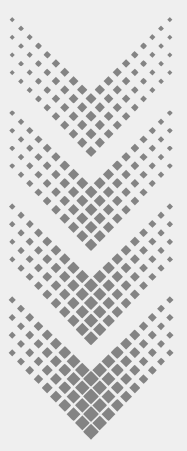
Contudo, é preciso dialogar com o futuro da educação em nosso país. Para tanto, tem-se a criação do Sistema



Nacional de Educação (SNE), que precisa sair do papel, e o novo Plano Nacional de Educação (PNE), que, entre outras metas, estabelece a ampliação de recursos públicos para a educação para os próximos 10 anos, dirieto social que é marcado pelo subfinanciamento.

Há, também, demandas urgentes. Nesse caso, é preciso ter cuidado com as soluções simples e midiáticas. Entre os desafios, encontra-se melhorar a qualidade do ensino e a aprendizagem dos estudantes. Nota-se, por exemplo, que há divergências na escola do caminho a ser seguido.

Embora economicamente mais pobres, os estados e cidades do Nordeste estão optando por aumentar a matrícula em escolas com tempo integral, valorizando a escola pública como espaço coletivo para efetivar o direito à educação. Por outro, alguns estados estão, em nome de uma suposta modernização tecnológica e eficiência, substituindo profissionais



qualificados para o exercício da docência por plataformas educacionais, além passar a gestão das escolas para agentes da segurança pública e/ou de transferir o patrimônio público – leia-se escola – para a iniciativa via Organizações Sociais (OSs).

As democracias se constroem e se consolidam com a colaboração de um sistema educacional forte, público, gratuito, qualificado e para todos. Condorcet, quando defendeu o direito universal à educação, o fez na perspectiva de diminuir a desigualdade natural e social existente entre os seres humanos, mas também o fez no sentido de constituir uma nação soberana, socialmente justa e desenvolvida economicamente. Basta, portanto, escolher qual é nosso caminho.

● **Christian Lindberg L. do Nascimento** - é doutor em Filosofia da Educação (UNICAMP) e pós-doutor em Educação (UNICAMP) e em Filosofia (UFABC). É autor de livros, artigos científicos e coordenador do Observatório do Ensino de Filosofia em Sergipe (OBSEFIS). É vinculado ao Departamento de Filosofia (UFS) e integra o Grupo de Ética e Filosofia da UFS.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO ECM-EDIÇÃO
COMUNICAÇÃO E MARKETING EIRELIDESDE DEZEMBRO
DE 2019**EDITOR CHEFE****Fábio Viana**

Jornalista DRT/SE | 1327

viana.jornalista@gmail.com

 (79) 9.9981-1711**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA****Altemar Oliveira**

oliveiraltemar@gmail.com

 (79) 9.99823-0398**COLUNISTAS****Antônio Carlos dos Santos****Antonio José Pereira Filho****Cris Souza****Evaldo Becker****José Aderval Aragão****Lícia Melo****Saulo H. S. Silva****DEPARTAMENTO COMERCIAL****DIRETOR: Elenaldo Santana** (79) 9.9949-9262**Email:** comercial@cinformonline.com.br**ENDEREÇO**

Rua Sílvio César Leite nº 90 - Salgado Filho Aju/SE – CEP: 49055-540

Telefone: **(79) 3085 - 0554** – CNPJ 35.851.783/0001-00